

CARTA

DE

PATRITIUS

AO SENHOR

ARCEBISPO PRIMAZ

SOBRE O CAZAMENTO CIVIL.

I.



BRAGA,

Typ. DE DOMINGOS G. GOUVEA.

Rua Nova n.º 42.

1865.

Exm.^o e Rm.^o Senhor :

Quando de toda a parte d'esta Archidiocese Bracharense se levanta um clamor unisono em defeza dos direitos, doutrina e dogmas da Igreja ; quando um grande numero de Portuguezes verdadeiramente catholicos fazem ouvir sua voz eloquente e autorisada em favor da pureza e integridade das doutrinas, que herdamos de nossos paes ; n'uma occasião, em que os subditos de V. Ex.^a Rm.^a se apressam sollicitos, em prote tar do modo o mais energico e solemne contra as extorsões do Estado feitas á Igreja, V. Ex.^a não duvida apparecer ante o seu rebanho, ante o mundo catholico, e dar-se-nos em o mais lastimoso e repugnante espectaculo.

Valha-nos Deus !

Parece que uma terrivel fatalidade persegue sempre o infeliz pontificado de V. Ex.^a Rm.^a !

O Genio do mal, por certo, que adeja de continuo sua aza negra e sinistra por sobre esse Paço Archiepiscopal, outr'ora séde de virtudes e santidade.

Com effeito, n'estes tempos de provação para a Igreja, n'esta epocha calamitosa, em que os inimigos d'Elia, já despojando-a de seus direitos e dominios, — já atacando de frente a verdade dos dogmas, e a santidade

do sacramento, — se empenham todos em derrubar n'um só momento o edificio, que Jesus Christo fundára, e que dezenove seculos attestam ser obra d'um Deus; um Principe da Igreja, um Bispo catholico, um successor de D. Frei Bartholomeu dos Martyres assistir de braços cruzados a este desmoronamento, presenciar mudo e quêdo esta obra d'iniquidade, — se não é um grande crime, se não revela um coração regelado pelo frio da indiferença, é pelo menos uma inercia e pusilanimidade tal, que se torna tão reprehensivel como escandalosa.

E na verdade, se é certo que Jesus Christo fundára a sua Igreja, para n'ella depositar a sua doutrina, tambem não é menos evidente que para a conservação d'aquella, escolheu Elle a uns para apostolos, a outros para evangelistas, a outros para doutores, para pastores a outros, e a todos finalmente, para a edificação da sua Igreja, e salvação da humanidade (1).

Se, porem, Exm.^o e Rm.^o Snr., o apostolo não préga, se o evangelista não escreve, se o doutor não ensina e aconselha, se o pastor não vigia, guarda e preserva, de que servirá essa nullidade completa, esse phantasma vã da Igreja — a não ser para ruina e perdição de muitos, para escandalo e pessimo exemplo de todos os subditos da mesma Igreja?

« Convem que o Bispo esteja sem crime, (diz o Apostolo, recommendando as qualidades, que deve ter um pastor da Igreja,) esteja sem crime como dispenseiro que é de Deus: que não seja soberbo, nem iracundo. . . . mas que seja inclinado á hospitalidade, benigno, sobrio, justo e sancto: — que abraçe constantemente a palavra da fé, para que possa exhortar conforme a sã doutrina, e convencer aos que o contradizem (2) ».

E se me fôra permittido confrontar os feitos da vida pastoral do meu Prelado com as maximas, que o Apostolo nos apresenta na sua carta; se me fôra licito afeirir por aquella pedra de toque o ministerio episcopal ha

(1) *Ad Ephes. c. 4.*

(2) *Ad Tit. c. 1.*

tantos annos per V. Ex.^a exercido entre nós, qual seria o resultado?

Veríamos talvez em mil pedaços o baculo do sr. D. Frei Caetano Brandão, symbolo de ternura e pastoral solicitude. Veríamos tambem hoje offuscadas e obscurcidas as pedras e luzimento da mitra do sr. D. Frei Bartholomeu dos Martyres, signal e distinctivo das virtudes christãs, que devem adornar um bispo catholico. Mais alem debruçado sobre um thesouro da terra — depararíamos com aquelle, que deve ser o primeiro a ensinar-nos com a palavra e com o exemplo, — que, primeiro que tudo, se deve procurar o reino do ceo.

Finalmente, contemplaríamos cheios de dôr a sentinela d'Israel, dormindo sobre os muros de Jerusalem, e á qual respeito e considerações humanas tem feito emudecer e calar, — assimilhando-se d'est'arte aos cães mudos do Evangelho. Veríamos talvez. . . .

Mas que digo? . . . Longe de mim o querer avaliar, fazer um juizo menos favoravel a respeito d'aquelle, a quem Jesus Christo deu na sua Igreja o poder de julgar a todos nós.

Não. O fim, que esta carta leva em vista, é mui differente.

Lamentando do fundo d'alma as calamidades que ora affligem a Igreja; chorando lagrimas d'amargura ao ver o aviltamento, por que ella está passando em Portugal; fluctuando com todo o vento de doutrina, não posso deixar de m'aproximar hoje d'essa cadeira, procurar o meu Pastor, consultar o oraculo da Igreja Bracarense á cerca de tudo quanto devo crêr e praticar, no meio d'esta immensa tempestade, que põe em agitação toda a Igreja Lusitana.

Em verdade, hoje, que no Parlamento se discute uma lei, não menos irreligiosa, que anti-constitucional, que egualando o concubinato ao sacramento, e protegendo igualmente o vicio como a virtude, — tolera na familia o atheismo, e fomenta na sociedade a indifferença da religião; — hoje mais do que nunca se torna indispensavel ás ovelhas, ouvir da boca do seu Pastor tudo quanto devem pensar

e acreditar em beneficio do rebanho, e em proveito da Religião.

Acostumado, porem, como estou a vêr o Primaz das Hespanhas — combater as doutrinas da impiedade com a nudez e com o silencio, — tenho bem fundados réceios de que n'esta lucta, V. Ex.^a deixará calir mais uma nodoa na historia dos Prelados Bracharenses, fará pungir mais um espinho no coração do Grande Pontifice Romano, dará mais um espectáculo ao mundo, e fará passar por mais uma vergonha este Reino Fidelissimo.

Mas, quem sabe se o Prelado Bracharense, — em alguma rouceira e tardia pastoral, — servindo-se d'argumentos gastos, e exgotados já por escriptores leigos, apresentando-nos considerações já mil vezes consideradas, terá resolvido fulminar o erro, e ensinar ao seu rebanho a sã doutrina da Egreja?

Oh! Se isso fôra verdade, ainda assim não seria o bastante.

N'esta luta do erro com a verdade, n'esta grave e momentosa questão do casamento civil, julgo ter V. Ex.^a deveres a cumprir — como catholico, como portuguez, como par e como bispo.

Como catholico, como filho obediente e fiel á Egreja, sustentando as promessas feitas no baptismo, parece-me que tem a restricta obrigação de, sahindo immediatamente a campo, professar publicamente a fé e doutrina de Jesus Christo, e protestar d'um modo solemne contra uma lei iniqua, que tomando d'assalto o deposito da fé, vai interferir directamente na orbita dos dominios da Egreja.

Como portuguez, como descendente d'aquelles, que outr'ora avassalaram o mundo, tendo por divisa — Deus, Patria, e Lei — V. Ex.^a tem o rigoroso dever de mostrar ao mundo inteiro, que Portugal ainda hoje se ufana com o glorioso titulo de — Reino Fidelissimo.

Como par do reino, como membro d'um corpo legislativo, n'uma questão especial, em que o Episcopado é talvez o unico competente, n'um projecto de lei, em que se levanta o conflicto entre a Egreja e o Esta-

do, n'uma discussão, em que o parecer e opinião do Primaz das Hespanhas ha de por certo pezar immenso no animo dos legisladores, V. Ex.^a não pôde deixar de com as suas luzes esclarecer a opinião da Camara, com a sua auctoridade promover o assenso d'ella, e com o seu voto concorrer para o bem da Patria.

Como Bispo, finalmente, como pastor e mestre da lei, no meio de tamanha diversidade d'opiniões, á vista d'uma tão grande opposição de doutrinas, quando os apostolos do erro nos pretendem seduzir com falsas argumentações, e com uma vã philosophia, V. Ex.^a, já por escripto, já com a palavra, na conversação familiar, nos grandes ajuntamentos religiosos, em casa, no templo, no confessionario, na cadeira, no pulpito, descendo até ao campo da imprensa e ás discussões jornalisticas,— V. Ex.^a, repito, tem a rigorosa obrigação d'instruir a uns, de animar e rebustecer a outros, d'arguir e convencer áquelles, e vigiando pelo seu rebanho, fazer a obra d'um evangelista, — cumprir o seu ministerio (3).

Senhor! Se para demonstrar estas verdades, para fazer vêr as diversas obrigações que tem a cumprir para com Deus e para com os homens, o que levo dito não fôra bastante, o exemplo sublime do Episcopado d'Hespanha, França, e Italia seria um poderoso incentivo para o Prelado Bracharense.

E tambem, se os exemplos de casa costumam aproveitar mais que os de fóra, eu poderia aqui traçar o quadro das virtudes, zelo, e dedicação d'um suffraganeo de V. Ex.^a, a fim de que o podesse estudar e meditar em proveito do seu rebanho.

Mas não. Alimento a dóce esperanza de que, deixando-se compenetrar d'estas verdades, despresando interesses e considerações mundanas, o Primaz das Hespanhas, já no ultimo quartel da vida, saberá d'ora em diante entregar-se todo ás cousas do ceu, e olhar com mais cuidado pela salvação das suas ovelhas.

Tenho a profunda convicção de que V. Ex.^a, — to-

*mando em mui breve assento na Camara dos Dignos Pa-
res, advogando ahi os interesses da Egreja, e deffenden-
do os legitimos direitos d'ella, animado da fé a mais vi-
va, e d'uma valerosa intrepidez. fará triumphar a ver-
dade, quebrará os duros grilhões. que ora trazem mania-
tada a Egreja Lusitana, proporcionará ao Catholicismo
dias de ventura, e grangeará para si as benções da pos-
teridade.*

E, á vista d'estes feitos apostolicos, que immude-
cam, d'uma vez para sempre, os que se não pejam d'apre-
goar em toda a parte, « que V. Ex.^a é arcebispo tão
sómente para ser — commendador, conselheiro, grão-cruz,
par e grande do reino ; que V. Ex.^a é arcebispo para
arrecadar os avultados rendimentos do arcebispado, para
occupar uma posição elevada na sociedade, para passar
uma vida toda d'ocio e commodidades ; mas que o não
é, para visitar a sua diocese, para confessar, prégar e
administrar sacramentos ; que não é arcebispo para vi-
sitar os enfermos e encarcerados, exercendo para com
os pobres a virtude da charidade ; que finalmente não
é arcebispo para vigiar e prégar o evangelho. mas sim
para dormir e conservar-se mudo ».

Praza a Deus que se não ouçam mais estas vozes ;
que desapareça d'entre o rebanho a pedra d'escandalo,
collocando-se no lugar d'ella um espelho permanente de
virtudes ; que se não extinga de todo o principal lu-
zeiro. que deve brilhar de continuo no grande candelabro da Egreja Bracarense.

São estes os meus desejos, são estes os votos, que
constantemente dirijo ao ceu.

Deus guarde a sagrada pessoa de V. Ex.^a Rm.^a.

Braga 12 de Dezembro de 1863.

Exm.^o e Rm.^o Senhor D. José
Joaquim d'Azevedo e Moura, Arce-
bispo e Senhor de Braga.

De V. Ex.^a

Admirador e menor subdito

PATRITIUS.